




INVESTIGANDO QUESTÕES ASPECTUAIS E TEMPORAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A LIBRAS

 <https://doi.org/10.56238/levv16n47-017>

Data de submissão: 08/03/2025

Data de publicação: 08/04/2025

Bárbara Neves Salviano de Paula

Doutora em Linguística Aplicada
Universidade Federal de Minas Gerais
barbarasalviano@ufmg.br

RESUMO

O presente artigo objetiva pesquisar campos linguísticos referentes ao domínio semântico; a saber, aspectos do significado pertencentes ao nível da sentença. Para a análise, partimos da perspectiva de Saeed na obra-referência *Semantics* (1997). Apontamos descrições elucidativas acerca dos elementos *situation type*, *tense* e *aspect*. As conclusões reforçam o fato que as línguas de sinais são naturais e legítimas, em detrimento de qualquer interpretação que as apontem como rudimentares ou inferiores às línguas orais. Enfatizamos que a pesquisa impede um ponto de vista estigmatizado acerca da Libras e a corrobora como instrumento efetivo de comunicação para brasileiros surdos exercerem sua cidadania.

Palavras-chave: Libras. Legitimidade. Semântica. *Aspect*. *Tense*.

1 INTRODUÇÃO

Especialmente desde os estudos de Willian Stokoe, nos Estados Unidos dos anos 1960, as até então consideradas *linguagens* de sinais recebem atenção e passam a alcançar o status de *língua* quando esse pesquisador identifica e classifica as unidades mínimas que constituem a língua de sinais foco de seu estudo, a saber, a Língua Americana de Sinais (ASL), bem como os diferentes aspectos linguísticos que a compõem. A partir de tais considerações, foi possível reportar as análises estruturais constatadas por Stokoe para outras línguas de sinais no mundo, inclusive a Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Seguindo semelhante linha de pesquisa, no Brasil, nomes como Sérgio de Almeida, Lucinda Ferreira Brito, Ronice Muller, Lodenir Karnopp e outros estudiosos têm se ocupado de descrever aspectos linguísticos da Libras desde os anos 1980.

Logo, enquanto língua natural e legítima, as línguas de sinais devem estar organizadas e embasar-se em todos os diferentes níveis apontados pela Linguística; quais sejam, o nível fonético-fonológico, que se refere às unidades mínimas de formação das palavras/sinais de uma língua e como se combinam na formação de unidades significativas; o nível morfológico, responsável pela estrutura e formação das palavras/sinais da língua a partir dos morfemas, considerando suas funções e como se combinam ao formar palavras; o nível sintático, que está para a identificação e classificação da forma como as línguas estão organizadas e as regras definidoras de tal organização; o nível semântico, que preocupa-se com a significação; e o nível pragmático, referente à análise do uso da língua em contextos de comunicação reais.

Embora os estudos linguísticos separem cada um desses níveis, tal divisão se dá no âmbito analítico com fins de facilitar a compreensão e o objeto de pesquisa de cada um deles de maneira isolada e, portanto, mais salientada em um ou em outro aspecto. No entanto, na língua em uso, todos os níveis linguísticos interagem entre si e se complementam, de modo que evidenciam a complexidade de qualquer língua, seja ela oral ou de sinais.

Este artigo pretende, a partir da obra de John Saeed, destacar conceitos semânticos que, associados à análise da Libras, nos permitirão corroborá-la como língua legítima que se submete, dentre todos os níveis linguísticos citados, também ao nível semântico, aqui detalhado por *situation type, tense e aspect*.

John Saeed aponta importantes aspectos semânticos da língua oral em sua obra *Semantics*, publicada em 1997. A partir dos conceitos ali definidos, também é possível ampliar sua perspectiva por explorar e descrever propriedades das línguas espaço-visuais, como a Libras. Considerando tal obra, pretendemos investigar enfoques semânticos das línguas de sinais - no nosso caso, a Libras - a fim de detectar semelhanças e/ou diferenças entre línguas espaço-visuais e línguas oral-auditivas, sendo essas últimas objeto de menção por Saeed. Vamos nos deter às perspectivas de marcação de tempo e situações discursivas discutidas no capítulo cinco da referência em questão, buscando

corroborar a fundamentação linguística da Libras, difundindo sua autenticidade nesse âmbito. Isso é relevante, pois evidencia que esse sistema linguístico minoritário não deve estar subjugado ao sistema linguístico majoritário do país, em especial no que diz respeito à prática de escolarização da pessoa surda.

2 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa aqui detalhada é descritiva no sentido que trará evidências associativas do domínio semântico no discurso da Libras, em especial acerca de *situation type*, *tense* e *aspect* que demonstram, no campo da Semântica, elementos que a justificam como língua ao aportar-se sob tal nível linguístico. Ao descrever esse fenômeno de forma comparativa com o Português, podemos reforçar o fato de que Libras e Português são línguas com estruturas próprias e independentes.

Ainda, podemos associar a pesquisa à metodologia bibliográfica, pois usaremos como obra-referência de análise o texto *Semantics*, de John Saeed (1997). As colocações do autor, mesmo que em observação da língua inglesa oral, servem de base para estabelecer a investigação aqui realizada para uma língua de sinais.

As sentenças exemplificadas, motivadas pela obra de Saeed ao trabalhar com os aspectos retomados, não foram extraídas apenas de uma leitura descontextualizada, ou seja, em que a oração é isoladamente apresentada aos alunos que a traduziram/elaboraram para a Libras. As construções em Libras aqui trazidas foram produzidas por sujeitos surdos sinalizantes e leitores de Língua Portuguesa e por ouvintes bilíngues (Português/Libras). As sentenças foram colhidas de duas maneiras: foi solicitado que lessem a frase contextualizada em Língua Portuguesa e indicassem como a traduziriam em Libras e/ou foi estabelecido um contexto comunicativo dialógico em sala de aula com temática que induziu às construções específicas e permitiu a apropriação das formas comparativas Português/Libras. As formas coincidentes mais recorrentes foram as escolhidas para representar as comparações estabelecidas neste artigo.

Optamos por uma idealização contextualizada e dialógica especialmente por considerar que essas perspectivas são essenciais na construção do significado de uma língua espaço-visual. A análise dialógica, como postula Bakhtin, foca na interação entre interlocutores, contextos e/ou discursos. Assim, o significado pode ser construído e reconstruído a partir desses elementos – ampliando a semântica. No caso de uma análise da Libras, uma língua de modalidade diferente das línguas orais-auditivas, a compreensão do significado depende do contexto para que a organização espacial esteja de acordo com a intenção comunicativa.

3 DISCUSSÃO

3.1 INICIANDO A INVESTIGAÇÃO: *SITUATION TYPE, TENSE*

Saeed inicia o quinto capítulo da obra *Semantics* mencionando particularidades do significado que pertencem ao nível da sentença. Uma delas é a marcação de tempo conhecida como *tense*:

Muitas línguas possuem formas gramaticais, tais como terminações verbais, que permitem ao falante localizar uma situação no tempo relativa ao ‘agora’ do ato de falar ou escrever. (SAEED, 1997, p.118. Tradução nossa.)¹

Como veremos, a Língua Brasileira de Sinais não terá a marcação temporal das ações verbais por meio de organização sufixal, como se dá com a Língua Portuguesa. Na Libras, outras organizações específicas cumprirão essa função, como a apropriação de movimento e direção; marcas espaciais; expressões não manuais; etc.

Saeed nos lembra que o modo como a marcação acontece em *tense* varia de língua para língua. Pensando nas línguas oral-auditivas e espaço-visuais, de modo comparativo, é possível perceber tal variação. Por exemplo, a Libras não terá como base um recurso linguístico que defina a conjugação verbal, incluindo o aspecto da marcação de tempo, por meio de organizadores morfológico-sufixais. Assim, enquanto em grande parte das línguas orais o tempo verbal se revela com o verbo modificado no âmbito sufixal pela conjugação requerida pelo locutor, na Libras, o tempo verbal será revelado por meio de outras construções; já que, nesse caso, “a flexão de verbos ocorre por mecanismos discursivos, contextuais e espaciais”. (TEIXEIRA; LEITÃO, 2013, p.34)

Por exemplo, quanto a mecanismos discursivos, o uso de alguma lexia atuando como determinante de tempo, tal qual o advérbio, acaba por cumprir a função de marcação temporal. Ela poderá estar associada ao âmbito contextual, quando um sinal de cunho específico ganha generalização ao passar a atuar como ferramenta de flexão verbal. Em estratégias espaciais, indicar diferentes localizações do espaço de sinalização também é recorrente para o mesmo fim:

3.2 Ele **teve** aulas. [Língua Portuguesa]

3.3 **Ontem** ele ter aulas. [Libras] → o sinal coincidente com o advérbio atua como o responsável pela marca temporal de pretérito.

Nesse caso, para uma sinalização em Libras que passasse a mesma informação em Língua Portuguesa, a organização dos elementos constituintes da sentença foi diferente daquela estabelecida em Português. Aqui, a utilização do sinal coincidente com o advérbio “ontem” foi responsável por indicar a marca temporal. É importante ressaltar, no entanto, que, nesse contexto, compreende-se o sinal que inicia a sentença exclusivamente como uma marca temporal e não como um advérbio de

¹ “Many languages have gramatical forms, such as verb endings, which allow a speaker to locate a situation in time relative to the ‘now’ of the act of speaking or writing.” (SAEED, 1997, p.118)

tempo. Desse modo, a sentença em Libras não será traduzida [Ontem ele teve aulas], mas será traduzida [Ele teve aulas].

Processo semelhante ocorre em algumas línguas nas quais um elemento predominantemente relativo a certa classe de palavras ganha outra função em uma conjuntura linguística específica. Citamos, como exemplo, as orações sem sujeito em Língua Francesa: para sua formação, é necessário utilizar-se de um pronome de terceira pessoa que não funcionará como sujeito da oração, mas como indicador de oração sem sujeito. Veja:

Il neige ici. [Língua Francesa]

O pronome *il* [*ele*] não será retomado na tradução [**Ele neva aqui*]. Mas deve, necessariamente, ser mencionado como indicador de oração sem sujeito. Assim, a tradução correta de tal sentença seria [Neva aqui].

Em outro exemplo de construção espontânea podemos ver uma segunda forma comum de indicar flexão verbal em Libras:

3.4 Moisés **construiu** um barco. [Língua Portuguesa]

3.5 **No passado**, Moisés construir barco. [Libras] → o sinal coincidente com a locução adverbial atua como o responsável pela marca temporal de *pretérito*.

O enunciador faz uso de uma construção adverbial para passar a ideia do tempo de execução da ação. Contudo, embora essa seja uma estratégia registrada pelos pesquisadores de Libras quando da explicação sobre a elaboração de flexão nessa língua, ela não é a única.

Além de *tense*, Saeed (1997, p.117) continua a mencionar outras dimensões na tarefa de classificar situações discursivas. Segundo o autor, são dimensões importantes *situation type* e *aspect*.

A primeira descrita - *situation type* - diz respeito a

um rótulo para a tipologia de situações codificadas na semântica da linguagem. Por exemplo, as línguas geralmente permitem que falantes descrevam uma situação como *estática* ou *imutável* quanto à duração. (SAEED, 1997, p.117. Grifo nosso. Tradução nossa.)²

E como língua natural, a Libras também possui recursos que revelam uma escolha entre a duração/estado de modo estático e/ou, conseqüentemente, dinâmico. É importante salientar que esses recursos podem ser semelhantes ou diferentes quando contrastados com os recursos das línguas orais.

Estático

3.6 Roberto ama pizza. [Língua Portuguesa]

3.7 Roberto ama pizza. [Libras]

As sentenças exemplificam uma condição *estática* ou *imutável* no que diz respeito a não oferecer nenhuma informação sobre a estrutura interna do estado descrito. Os recursos semântico-

² “Situation type [...] is a label for the typology of situations encoded in the semantics of a language. For example, languages commonly allow speakers to describe a situation as static or unchanging for its duration.” (SAEED, 1997, p.117)

linguísticos utilizados para indicar a estaticidade da sentença são singulares para as duas línguas comparadas.

Dinâmico

3.8 Roberto cresceu rápido. [Língua Portuguesa]

3.9 Roberto <crescer rápido>. [Libras]

3.10 Maria está dirigindo para São José. [Língua Portuguesa]

3.11 Agora, Maria <dirigir> São José. [Libras]

As construções mostram uma condição dinâmica no que diz respeito ao estado ou situação descrita pelo locutor: ele considera que o estado de crescimento de Roberto foi contínuo; assim como a viagem de Maria, que está acontecendo por meio de um processo dinâmico – passa por vários lugares até chegar ao seu destino final. É interessante evidenciar que nas sentenças 3.8 e 3.9, a escolha de elementos indicativos de dinamicidade é semelhante ao compararmos a Língua Portuguesa e a Libras: *crescer rápido*. Contudo, por serem línguas de modalidades diferentes, a forma como a marcação de dinamicidade será evidenciada é diferente em cada caso.

A Língua Portuguesa tem sua expressão em linearidade ou sequencialidade. O conceito de linearidade/sequencialidade foi desenvolvido por Saussure e atribuído aos signos linguísticos. De acordo com essa concepção, os significantes acústicos de uma língua, ou seja, suas unidades fonológicas, organizam-se linearmente, isto é, em sequência numa cadeia de tempo, gerando a construção discursiva em completude. (PAULA, 2021) Assim, no caso da sentença 3.8, sua formação acontece linear/sequencial e pontualmente: cada significante acústico seguido de outro e de outro até a finalização de cada palavra e, por fim, da oração: R+O+B+E+R+T+O + C+R+E+S+C+E+U + R+Á+P+I+D+O. Não há possibilidade de que a organização em Português aconteça em concomitância. É preciso que se finalize um elemento para iniciar outro, sequencialmente, até a construção se completar.

Em Libras, todavia, temos uma elaboração, conforme indicada no exemplo 3.9, constituída em simultaneidade.

A principal diferença estabelecida entre línguas de sinais e línguas orais foi a presença de ordem linear (sequência horizontal no tempo) entre os fonemas das línguas orais e sua ausência nas línguas de sinais, cujos fonemas são articulados simultaneamente. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.49)

Ao enunciar qualquer sinal em Libras, os cinco principais parâmetros fonológicos se organizam enquanto unidades. No entanto, diferentemente do que acontece nas línguas orais, as unidades fonológicas em línguas de sinais podem ser produzidas ao mesmo tempo, dado que o sinal é articulado com todos os parâmetros já dispostos nas mãos e corpo do locutor, ou seja, os parâmetros aparecem de modo síncrono no processo de enunciação. Isso se dá por as línguas de sinais serem tridimensionais, aceitando, então, a apropriação de mais de um elemento linguístico ao mesmo tempo. (PAULA, 2021)

Por isso, é possível que a organização *crescer + rápido*, em Libras, aconteça de modo concomitante. Nesse caso, ao invés de o sinalizante realizar a organização da oração com três sinais: Roberto + crescer + rápido; o sinalizante o faz com dois elementos: Roberto + <crescer rápido>. Ele manifesta na realização do verbo *crescer* um movimento mais intenso e acelerado do que faria ao realizar o verbo em sua forma comum (*crescer*), permitindo que o interlocutor já perceba um movimento de rapidez no crescimento do sujeito de quem se fala sem precisar do apoio do adjetivo. A ação já está visualmente indicada pela sinalização sobreposta da soma [nome + caracterizador].

Já nas enunciações 3.10 e 3.11, os elementos evidenciadores de condição dinâmica variam entre a língua oral e a Libras. Na Língua Portuguesa, o uso do gerúndio aporta entendimento processual. Porém, a Libras, como já mencionado, não revelará recursos sufixais marcadores de tempo verbal nesses moldes, sendo necessário um substituto para o papel situacional cumprido pelo gerúndio da língua oral. Logo, a estratégia que traz a carga semântica de estado dinâmico em continuidade será o uso de advérbio (*agora*), bem como de uma sinalização do verbo *dirigir* associada a movimentos corporais e espaciais indicativos de uma ação com a característica constante e durativa.

Saeed (1997, p.118) traz ainda um outro exemplo que merece nossa atenção, pois envolve um rico processo linguístico na Libras:

3.12 As peras estão maduras. [Língua Portuguesa]

3.13 Peras maduras [Libras]

Os processos de formação das frases acima não são destoantes nas duas línguas analisadas. Todavia, isso não acontece nas locuções abaixo:

3.14 As peras amadureceram. [Língua Portuguesa]

3.15 Peras <amadurecendo>cl [Libras]

Diferentemente do que vemos nos exemplos 3.12 e 3.13, as sentenças 3.14 e 3.15 têm característica dinâmica. Ali, a estrutura do verbo em Português organiza o conceito de dinamicidade na língua oral, trazendo o sentido de um processo gradual: do início do amadurecimento até sua finalização. Contudo, a Libras não terá semelhante estrutura de construção verbal. Além disso, é muito comum termos, nas línguas de sinais, a chamada *incorporação semântica*. Por exemplo, o sinal para *madura* (adjetivo) não se difere do sinal para *amadurecer* (verbo); dificultando estabelecer a distinção entre as frases 3.13 e 3.15 quando se utiliza apenas as unidades léxico-semânticas. Então, a formação da estrutura 3.15 em Libras aconteceu por meio de *classificadores*.

Classificador, entre outras funções, é uma representação que visa compor o discurso por meio de detalhamentos associados à sinalização. Desse modo, é possível que pessoas, animais, objetos, sentimentos, circunstâncias e situações discursivas sejam descritos para além da explanação pura e simples por meio de sinais. Com o uso dos classificadores, a narrativa ganha descrição pormenorizada.

Supalla (1986) afirma que os classificadores são utilizados em verbos de movimento (VM) [é o caso do exemplo acima, *amadurecer*] e em verbos de localização (VL), sendo que cada um dos parâmetros básicos usados nesses verbos é um morfema. Nos classificadores, mãos e corpo são usados como articuladores para indicar o nome do referente ou o agente da ação. A forma básica do verbo inclui: (1) um movimento dentre uma série restrita de movimentos possíveis, que se refere a um tipo de predicativo de existência, localização ou movimento; (2) uma configuração de mão (CM) particular ou outra parte do corpo, o que seria tipicamente o morfema classificador do VM ou VL, e (3) um caminho ou um traçado para esse movimento. (BERNARDINO, 2012, p. 253)

Destarte, a estratégia mais utilizada pelos sinalizantes analisados para indicar a construção de [AS PERAS AMADURECERAM] foi por meio de classificadores relacionados ao verbo *amadurecer*. São os classificadores que cumprem, aqui, a função de descrever o processo dinâmico e gradual do amadurecimento.

4 LÍNGUAS DE SINAIS: SOBRE CONCORDÂNCIA E ASPECTO.

Outro item trabalhado por Saeed em sua obra referência é o denominado *aspecto*. Assim descrito:

Aspecto é também um sistema gramatical relativo ao tempo, mas aqui o falante pode escolher a forma de descrever a natureza temporal interna de uma situação. Se a situação for, no passado, por exemplo, o falante pode retratá-la como um evento fechado concluído [...] ou como um processo contínuo, talvez inacabado.³ (SAEED, 1997, p.118. Tradução nossa.)

Podemos entender os conceitos por meio das seguintes locuções:

- 4.1. Davi escreveu um romance.
- 4.2. Davi estava escrevendo um romance.

Essas orações evidenciam diferença de aspecto, já que, por meio de um dispositivo gramatical, a saber, as terminações verbais, o locutor revela a natureza do evento passado. Mas, como transpor esse conceito para as línguas de sinais, em especial, para a Libras, se essa língua não possui igual recurso de marcação temporal por meio dos sufixos? Faz-se necessário atrelar à sinalização constituintes que nos permitirão compreender tal distinção, como apoios marcadores de tempo; uso de movimento e expressões faciais e corporais quando na sinalização do verbo para evidenciar seu aspecto; uso de classificadores; etc.

A situação descrita pode, um primeiro momento, nos fazer concluir que em Libras não há concordância verbal, por não haver flexão verbal como nas línguas orais. Oliveira e Cunha (2009) afirmam:

³ “Aspect is also a grammatical system relating to time, but here the speaker may choose how to describe the internal temporal nature of a situation. If the situation is in the past, for example, does the speaker portray it as a closed completed event [...] or as an ongoing process perhaps unfinished [...]” (SAEED, 1997, p.118)

Em língua de sinais, certos verbos concordam tanto com o sujeito quanto com o objeto, sendo que com este é obrigatória, enquanto que com aquele vai depender do verbo utilizado. Assim, de acordo com Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 24), considera-se concordância o processo de modificar a estrutura do verbo de acordo com certos aspectos formais do sujeito ou do objeto nominais, em língua de sinais. (OLIVEIRA; CUNHA, 2009, p.6)

Podemos exemplificar:

- 4.3. Eu o respondo. [Língua Portuguesa]
- 4.4. Eua <aRESPONDERb>. [Libras] → sinal realizado na direção do receptor.
- 4.5. Você me responde [Língua Portuguesa]
- 4.6. Vocêa <aRESPONDERb>. [Libras] → sinal realizado na direção do emissor.

Nas construções em Língua Portuguesa (4.3 e 4.5) temos evidências gramaticais que definem o receptor e o emissor da ação representada pelo *pronome + verbo*. Em Libras, a concordância verbal acontece de modo diferente. Por meio do movimento das mãos, orientação da palma (dois dos cinco parâmetros fonológicos da Libras) e uso do espaço, o verbo se flexiona (4.4 e 4.6).

4.1 OS VERBOS EM LIBRAS: CONCORDÂNCIA EM EVIDÊNCIA

Os exemplos 4.4 e 4.6 demonstram a presença de concordância verbal em Libras. Isso, porém, não significa que o processo de concordância está para todos os verbos em línguas de sinais, já que temos uma classificação dos verbos em Libras definida exatamente por aceitarem tal processo ou não. Quadros e Karnopp, (2004, p. 201) classificam os verbos em Libras em duas classes: sem concordância e com concordância. Oliveira e Cunha (2009, p.7) nos lembram: “Felipe (2001) apresenta uma classificação semelhante, afirmando que os tipos de verbo são: verbos que não possuem marca de concordância e verbos que possuem marca de concordância.”

4.1.1 O aspecto em evidência

Segundo Quadros, “verbos sem concordância não se flexionam para pessoa e número, [...] porém, em alguns casos, podem se flexionar quanto ao aspecto.” (OLIVEIRA; CUNHA, 2009, p.7) Dentre os verbos *sem concordância* em Libras, podemos citar: [PENSAR], [ESTUDAR], [TER], [QUERER], etc.

Verbos com concordância se flexionam para pessoa e número, bem como para aspecto. Nesses casos, por exemplo, o ponto inicial de execução do sinal pode concordar com o sujeito, enquanto o ponto final de execução do sinal concorda com o objeto. A flexão será revelada pelo movimento e orientação da palma da mão. Dentre os verbos *com concordância*, temos: [RESPONDER], [EMPRESTAR], [DAR], [AJUDAR], etc.

Surge, então, uma pergunta: apenas verbos com concordância apresentam marcação de aspecto? Não, pois a marcação de aspecto, em Libras, não depende da capacidade de exprimir flexão

verbal, e sim, se dá pela alteração na forma do movimento e/ou no padrão rítmico do sinal. (OLIVEIRA; CUNHA, 2009)

Entende-se por aspecto o ponto de vista do falante ou sinalizador diante da ação, do acontecimento ou do estado verbal, diferenciando-os em perfectivos (processos concluídos) ou imperfectivos (ainda em processo). [...] Bernardino (2000, p.87) afirma que em língua de sinais são observados os aspectos pontual, continuativo, durativo e iterativo, os quais ocorrem a partir de mudanças no movimento e/ou na configuração de mão. A fim de ilustrar os aspectos mencionados, a autora cita os exemplos: “[FALAR] (pontual) em ‘ele falou’ e [FALAR] (continutivo) em ‘ele fala sem parar’; [OLHAR] (pontual) em ‘ele olhou’ e [OLHAR] (durativo) em ‘todos ficaram olhando’; e [VIAJAR] (pontual), ‘ele viajou’ e [VIAJAR] (habitual) em ‘ele viaja sempre’.” (OLIVEIRA; CUNHA, 2009, p.10)

Os exemplos aportados por Bernardino corroboram a afirmação de que não apenas os verbos com concordância são passíveis de marcação aspectuais. O verbo [FALAR] é um verbo sem concordância, enquanto o verbo [OLHAR] é um verbo com concordância; ambos foram, entretanto, representados por marcações de aspecto. Os exemplos ainda nos ajudam a entender uma outra dimensão de aspecto: tem a ver com a classificação de um subtipo dos verbos dinâmicos.

4.2 ALGUMAS DISTINÇÕES SEMÂNTICAS: O DURATIVO, O PONTUAL, O TÉLICO E O ATÉLICO

Aspectos semânticos das línguas ultrapassam os limites de uma classificação única, sistemática ou basilar. Por isso, subcategorizações e novas conceitualizações são comuns e necessárias. Por exemplo, a partir da classificação de um verbo como evidenciador de estado dinâmico, temos subtipos baseados em distinções semânticas, como durativo/pontual; télico/atélico. Assim como esses processos acontecem em línguas orais, podemos percebê-los também nas línguas de sinais.

4.2.1 Durativo versus Pontual

Saeed define verbos de característica *durativa* como aqueles que “descrevem uma situação ou processo que se prolonga por um período de tempo.” (SAEED, 1997, p. 121. Tradução nossa.) Enquanto que verbos de característica *pontual* são descritos como aqueles que “descrevem um evento que parece tão instantâneo que praticamente não envolve nenhum tempo.” (SAEED, 1997, p.121. Tradução nossa.)⁴ Percebemos essas características em sentenças como:

[FALAR]

4.7 Ele falou. [pontual]

4.8 Ele fala sem parar. [durativo]

[OLHAR]

4.9 Ele olhou. [pontual]

4.10 Todos ficaram olhando. [durativo]

⁴ “Durative is applied to verbs which describe a situation or process which lasts for a period of time, while punctual describes an event that seems so instantaneous that it involves virtually no time.” (SAEED, 1997, p.121)

4.2.2 Télico versus Atélico

Verbos classificados como *télicos* são os “processos vistos como tendo uma conclusão natural, definida.” (SAEED, 1997, p. 122. Tradução nossa)⁵ e *atélicos* são os processos sem uma conclusão definida, ou seja, vagos. A formação de construções télicas/atélicas em línguas orais é semelhante às formas dessas construções nas línguas de sinais?

Télico:

4.11 Tadeu construiu uma jangada. [Língua Portuguesa]

4.12 <No passado>a, Tadeu <construir>a jangada. [Libras]

Atélico:

4.13 Tadeu olhava o mar. [Língua Portuguesa]

4.14 Mar Tadeu <olhar sem parar>. [Libras]

Em Língua Portuguesa, os elementos determinantes para a classificação da estrutura frasal como télica ou atélica estão, no exemplo 4.11, na conjugação do verbo no pretérito perfeito do indicativo e, no exemplo 4.13, no uso de conjugação no pretérito imperfeito do indicativo.

Nas formações em Libras, os elementos determinantes para a classificação da estrutura frasal como télica ou atélica estão, no exemplo 4.12, no uso da marcação temporal direta [no passado] e também no uso do espaço do sinalizador em referência ao corpo. Alguns sinalizantes realizaram o movimento do verbo na proximidade dos ombros, indicando a parte atrás do corpo do sinalizador, dando um reforço à evidência de uma locução com característica de passado concluído. No exemplo 4.14, o que caracteriza a locução como atélica é a colocação do elemento [sem parar] com função de passado imperfeito e também característica de uma ação durativa.

Embora, ao compararmos língua oral e língua de sinais, concluamos que não é a partir do mesmo processo que formamos estruturas télicas ou atélicas, isso não significa que línguas orais sejam mais produtivas nesse e em outros processos de marcação de tempo e/ou aspecto. Temos apenas diferentes tipos de formação estrutural, igualmente complexas e produtivas. Ambos os sistemas permitem ao usuário relatar situações relativas ao tempo e diferentes inclinações nesse campo.

5 RESULTADOS

As análises relacionadas aos aspectos semânticos indicados neste trabalho dão conta dos resultados esperados no início da pesquisa. A expectativa, antes de concluir a investigação, era de que seria possível identificar, no discurso orgânico de surdos e ouvintes proficientes em Libras, elementos semântico-pragmáticos apontados e registrados por Saeed em sua obra *Semantics* (1997) - mesmo que primariamente voltada à observação de uma língua de modalidade oral-auditiva, o inglês.

A partir do mapeamento dos conceitos mencionados pelo pesquisador na obra-referência e dos exemplos por ele considerados, estabelecemos o escopo da pesquisa juntamente com um grupo de

⁵ “Telic refers to those processes which are seen as having a natural completion.” (SAEED, 1997, p. 122)

surdos e ouvintes bilíngues (Libras/Português) estudantes do curso de graduação Letras-Libras. Ofertamos os conceitos básicos trazidos por Saeed em aulas expositivas e, por meio do registro em vídeo e escrito dos diálogos realizados nos encontros para discussão da temática, obtivemos material apropriado para análise dos elementos investigados.

Os resultados foram conclusivos em percebermos os elementos semânticos, mencionados por Saeed, aparecerem nos discursos em Libras e com mesma função. Alguns se estabelecem de maneira semelhante às línguas orais, enquanto outros respeitam a estrutura da língua de sinais, tendo, então, organização peculiar a ela.

6 CONCLUSÃO

Depois de considerar de modo comparativo elementos temporais e aspectuais na língua oral e na língua de sinais utilizadas no Brasil, a saber, a Língua Portuguesa e a Libras, concluímos que, embora possam recorrer a processos distintos para marcar aspecto e tempo em suas sentenças, ambas, como línguas naturais que são, revelam alta produtividade e complexidade. Podemos afirmar que a leitura aspectual ocorre, na Libras, de forma dinâmica. Ela se revelará através da organização flexional do sistema linguístico somada à interpretação da composição sintático-semântica dos enunciados, em interação com princípios pragmáticos (FINAU, 2014).

Essa organização da aspectualidade das sentenças interfere na referência temporal, uma vez que esta pode ser denotada por fatores como o valor lexical dos verbos e pela composição entre sintaxe, semântica e pragmática, principalmente para a restrição temporal. (FINAU, 2004, p. 224)

Não há dúvidas que considerações como essas reafirmam a identidade da Libras como língua legítima e complexa, capaz de permitir a expressão de qualquer conceito, sentimento ou discurso. Dotadas de processos, elementos e critérios linguísticos próprios para sujeitos cuja principal percepção de mundo se dá através do prisma visual, as línguas de sinais não são inferiores às línguas orais; nem tampouco são rústicas, simplórias ou primárias. Sem dúvida que compreender aspectos linguístico-semânticos como os abordados neste artigo corrobora tal afirmação.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. *Revista ReVEL*, v.10, n. 19. 2012
- FINAU, Rossana Aparecida. Os sinais de tempo e aspecto na Libras. Orientadora: Elena Godoi. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- FINAU, Rossana Aparecida. Aquisição de escrita por alunos surdos: a categoria aspectual como um exemplo do processo. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 14 (4), 2014.
- OLIVEIRA, Christiane Cunha de; CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. Concordância verbal em língua de sinais e suas implicações na escrita de segunda língua. In: *Eutomia: Revista Online de Linguística e Literatura*. Ano II n. 1. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- PAULA, Bárbara Neves Salviano de. Fonologia e Morfologia da Língua Brasileira de Sinais. Ipatinga: Faculdade Única, 2021.
- QUADROS, Ronice.; KARNOPP, Lodenir. Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SAEED, John. *Semantics*. Cambridge, MA: Blackwell. 1997.
- SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. 7, 181-214. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986.
- TEIXEIRA, Vanessa Gomes; LEITÃO, Catarina Modesto de Carvalho. Flexão verbal em Libras e em Língua Portuguesa: análise contrastiva. *Revista Philologus*, n. 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.